

#cm

2

QUARTA-FEIRA



Juliette Binoche lança filme que dirige no Festival do Rio

PÁGINA 6



'Malês', um épico brasileiro, chega ao circuito exibidor

PÁGINA 5



'Alvorada', de Nay Porttela, aposta na força da canção

PÁGINA 7

A violência

que pode igualar antagonismos

Eduardo Moscovis estrela 'O Motociclista no Globo da Morte', texto inédito de Leonardo Netto sob direção de Rodrigo Portella

Por AFFONSO NUNES

A natureza obscura da violência humana ganha o palco no monólogo inédito "O Motociclista no Globo da Morte", parceria entre Eduardo Moscovis e o diretor Rodrigo Portella. O espetáculo, com texto do dramaturgo Leonardo Netto, questiona se a violência é inerente à condição humana ou produto das relações sociais, provocando o público ao diluir as fronteiras entre vítima e algoz, civilizado e selvagem.

Continua na página seguinte

Catarina Ribeiro/Divulgação

Ator se viu numa identificação perturbadora

Eduardo Moscovis: ‘O que mais me cativou foi perceber que o protagonista é um homem que tem uma vida correta, pacífica, mas que pode se igualar ao seu antagonista – um homem vil em todos os aspectos’

Dalton Valério/Divulgação



Rodrigo Portella: ‘Não há partidatismo, não se nomeia esquerda ou direita, mas claramente os personagens que estão envolvidos diretamente no crime se enquadram na dicotomia político-ideológica em que a sociedade brasileira está mergulhada’



Catarina Ribeiro/Divulgação

Veterano com mais de três décadas de carreira e protagonista de sucessos televisivos como “Pecado Capital” e “Alma Gêmea”, Moscovis encena seu segundo monólogo após “O Livro” (2011), de Newton Moreno. O ator, que recentemente foi premiado como Melhor Ator no Festival de Brasília e no Los Angeles Film Festival, encontrou no texto uma identificação perturbadora com o protagonista. “O que mais me cativou foi perceber que o protagonista é um homem que tem uma vida correta, pacífica, com quem eu

facilmente me identificaria, mas que pode se igualar ao seu antagonista – um homem vil em todos os aspectos – ao cometer um ato de extrema violência”, revela Moscovis, que está há dois anos em cartaz com a comédia “Duetos”, vista por mais de 200 mil pessoas.

A gênese da obra remonta a uma experiência perturbadora vivida por Leonardo Netto há alguns anos, quando assistiu inadvertidamente a um vídeo de extrema violência em uma rede social. O dramaturgo se questionou não apenas sobre os motivos que levam alguém a cometer atos violentos, mas

também a filmá-los, postá-los e, principalmente, o que leva outros a curtir esse tipo de conteúdo. “A espetacularização, a romantização e a banalização da violência, exacerbadas com a multiplicação de câmeras e da internet, talvez nos torne mais insensíveis a ela”, reflete o autor, premiado de textos como “A Ordem Natural das Coisas”, vencedor do Prêmio Cesgranrio 2018, e “3 Maneiras de Tocar no Assunto”, que lhe rendeu múltiplas premiações.

A narrativa se desenvolve através do relato detalhado de uma história trágica vivida

pelo protagonista em um dia aparentemente comum, enquanto almoçava em um bar que costumava frequentar.

Durante o processo de escrita, Leonardo passou a imaginar Moscovis como protagonista, lembrando-se da parceria em “Corte Seco” (2010). O título surgiu como metáfora da iminência do desastre. “Assim como no globo da morte, nós vivemos tentando nos desviar da catástrofe o tempo inteiro”, explica o dramaturgo, que admite ter enfrentado dificuldades durante a criação: “Foi muito perturbador assistir, mas escrever também foi difícil, incômodo. Muitas vezes eu tive que parar”.

Rodrigo Portella, diretor com 32 anos de carreira e reconhecido internacionalmente por sucessos como “Tom na Fazenda” – que obteve grande sucesso no Festival de Avignon e realizou turnê por mais de 30 cidades europeias –, optou por uma encenação extremamente minimalista. O diretor é um dos mais premiados da cena teatral brasileira, com obras como “As Crianças” e “Ficções” laureadas pelos principais prêmios nacionais.

“Para mim, o espetáculo acontece na cabeça do espectador. Qualquer elemento concreto no palco seria uma distração para o mergulho para dentro da história, que é muito poderosa”, define Portella. A escolha estética busca enfatizar o aspecto comum do acontecimento narrado, que poderia ocorrer com qualquer pessoa – um evento extraordinário em um lugar ordinário, executado por um homem ordinário.

Eduardo Moscovis elogia a parceria com Portella. “Ele é um diretor-criador, um criador de cena, ele pensa no espetáculo, pensa no teatro de uma forma muito genuína e potente, não só na forma de contar a história, do ponto de vista do narrador, mas de contar a história do espetáculo”. A trilha musical de André Muato, o figurino de Gabriella Marra e a iluminação de Ana Luzia de Simoni reforçam a proposta minimalista, criando uma relação íntima entre ator e espectador.

“Não há partidatismo, não se nomeia esquerda ou direita, mas claramente os personagens que estão envolvidos diretamente no crime se enquadram na dicotomia político-ideológica em que a sociedade brasileira está mergulhada”, observa Portella.

SERVIÇO

O MOTOCICLISTA NA GLOBO DA MORTE

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo)

Até 14/12, quinta e sábado (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Cia Up Leon apresenta resultados de seis meses de pesquisa artística envolvendo elementos teatrais e circenses

A Companhia de Circo Up Leon encerra nesta quarta-feira (1º) o projeto “Transversalidades”, iniciativa que desde abril ofereceu gratuitamente ações de formação e pesquisa para jovens em busca de profissionalização na arte circense. A Mostra Final do Núcleo de Pesquisa acontece às 19h na sede da companhia, em São Cristóvão, com entrada franca.

Seis artistas da Up Leon apresentarão o resultado de seis meses de estudo que explorou técnicas circenses e novas habilidades, cruzando métodos tradicionais com linguagens contemporâneas do teatro e da performance.

“Foram meses intensos de troca e aprendizado mútuo. Provocamos o núcleo de pesquisa a experimentar outras formas do fazer circense, incentivando a reflexão e a sensibilidade da cena para além da técnica”, explica Olga Dalsenter, fundadora e CEO da Up



Os artistas da Cia Up Leon mesclam técnicas circenses tradicionais com novas habilidade

Leon. Segundo ela, a experiência trouxe elementos que desafiaram os artistas a saírem da zona de conforto e construir um algo diferen-

te do habitual.

Orlando Caldeira, diretor artístico e técnico do projeto, destaca que o circo já é

naturalmente um campo híbrido, levado ao limite no “Transversalidades”. “Cruzamos técnicas tradicionais com linguagens contemporâneas, sempre buscando um lugar em que a poética do corpo pudesse dialogar com questões sociais e subjetivas de cada artista”, pontua.

Para Orlando, a experiência consolidou sua visão de que a arte circense, quando atravessada por outras linguagens, pode revelar não apenas acrobacias, mas modos de existir e resistir. “Foi nesse processo que compreendi que Transversalidades não era apenas o nome de uma pesquisa, mas a essência de um caminho estético e político”, reflete.

Em meados de outubro, será apresentado o resultado da Oficina de Especialização Circense desenvolvida com alunos de duas escolas municipais de São Cristóvão, completando o ciclo do projeto que reafirmou o compromisso da Up Leon com a formação artística e transformação social através do circo.

SERVIÇO

TRANSVERSALIDADES

Sede da Cia Up Leon (Rua Antônio Henrique de Noronha, 40, São Cristóvão) | 1/10, às 19h | Entrada franca

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Caça às bruxas

As Bruxas de Salém” está em cartaz no Teatro Casa Grande, no Leblon, até domingo (5). A peça retrata a cidade puritana de Salém, onde rumores sobre bruxaria aterrorizam a população. Após jovens serem flagradas dançando na floresta, um tribunal se instaura. O elenco inclui Elisa Pinheiro, Carmo Dalla Vecchia, Marcel Giubilei e Vanessa Gerbelli. A montagem vai além de seu tempos ao promover reflexões sobre questões contemporâneas brasileiras. De quinta a sábado (20h) e domingo (18h). A partir de R\$ 80.

Nana Moraes/Divulgação



Valentina Lassen/Divulgação



Resistência

Celebrando seus 60 anos de carreira, Zezé Motta apresenta o solo “Vou Fazer de Mim um Mundo” no CCBB RJ até domingo (5). O espetáculo adapta o romance “Eu Sei Porque o Pássaro Canta na Gaiola”, da estadunidense Maya Angelou, com dramaturgia e direção de Elissandro de Aquino. A obra retrata a comunidade negra dos EUA durante a segregação dos anos 1930-1940, explorando temas de resistência e superação através da primeira autobiografia da escritora norte-americana. Sexta e sábado (19h) e domingo (18h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia).

Paulo Henrique Aragon/Divulgação



Cartas para o futuro

A Penúltima Cia de Teatro apresenta “Entre Nós” na sede da Cia dos Atores, na Lapa. A peça retrata sete jovens que viajam para uma casa de campo e escrevem cartas para o futuro. Após uma tragédia que resulta na morte de um amigo, os sobreviventes se reencontram dez anos depois, confrontando paixões antigas e segredos não resolvidos. O elenco inclui Antonio Rockenbach, Bels Ferrari, Bernardo Coimbra, Carolina Matos, Lucas Garbois, Maria Paula Marini e Sued Lincoln. Última apresentação nesta quarta (5), às 20h. R\$ 50 e R\$ 25 (meia).

ENTREVISTA / GIA COPPOLA, CINEASTA

Divulgação



'Para fazer cinema do seu jeito, faça pequeno'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Neta de Francis Ford, Gia Coppola seguiu os passos do avô não apenas na profissão, cineasta, mas também na forma de apostar na independência plena na hora de criar. "Perfect", seu novo projeto, está em gestação, em vias de ter a atriz Millie Bobby Brown (de "Stranger Things") na pele da ginasta americana Kerri Strug, em

sua tentativa de superar uma lesão para competir pela medalha de ouro nas Olimpíadas de 1996.

Em meio à depuração do roteiro, a cineasta de 38 anos – filha do produtor Gian-Carlo Coppola (1963-1986) – aceitou a tarefa de integrar o júri da Concha de Ouro do Festival de San Sebastián, que foi galardoada a "Los Domingos", da espanhola Alauda Ruiz de Azúa, no fim de semana.

Há um laço afetivo especial de Gia com a cidade basca. Há um

ano ela saiu de lá consagrada com "A Última Showgirl", que pode ser visto hoje na Prime Video. Pamela Anderson estrela a produção, ao lado de Jamie Lee Curtis e Dave Bautista, vivendo uma dança de um espetáculo de nudez em Las Vegas. O longa recebeu o prêmio especial do júri no evento ibérico. A seguir, a artista que dirigiu longas como "Palo Alto" fala do ônus de ser indie.

De que maneira "The Last

Showgirl" mantém viva a linha-gem indie do audiovisual dos EUA?

Gia Coppola - Eu filmo desde criança e me cansei do esquema hollywoodiano de ter muitas vozes decidindo seu destino e de me submeter a longas esperas para tudo. Prefiro criar um espaço criativo de autonomia. Para fazer cinema do seu jeito, faça pequeno. Fazendo tudo de modo pequenino, com pouca gente, as coisas saem. Eu

não tinha uma parafernália digital no set. Era eu, a câmera e um monitorzinho. O mais difícil do trabalho independente é o setor da distribuição, é saber o que fazer com o filme para ele ser visto. Mas eu confio na força da história que filmei e ela encontra seu lugar.

De que maneira você conseguiu que um filme sobre a cultura do espetáculo de Las Vegas tivesse tanta quietude?

Eu venho da fotografia. Sou uma pessoa visual. Nem falando eu uso muitas palavras. A narrativa plástica fala por mim. Neste caso, numa história de uma artista que busca se reconectar com a filha, existe um componente de luta feminina forte, ao falar do descarte das mulheres. Há também o descarte de uma tradição de dança em pauta. A questão da beleza da mulher é um tema discutido na trama, numa sociedade que sucateia valores.

O que Pamela Anderson te trouxe de mais potente em sua atuação, que rendeu a ela uma indicação ao Globo de Ouro?

Foi incrível a forma como ela confiou em mim. Eu ganhei uma amiga para a vida.

Qual foi o filme que te fez amar o cinema?

A descoberta de Godard foi excitante, mas eu não esqueço do impacto que tive ao ver "Zodíaco", de David Fincher.

De que maneira seu retorno a San Sebastián reforça seus laços com o festival que te coroou?

Esta cidade é mágica e o festival aqui é marcado por um processo de apreciação, pela plateia, que demonstra uma pureza rara. Todo mundo aplaude e ninguém levanta nos créditos. Um ponto a mais para eu não esquecer: esse foi o primeiro júri de que participei. Em geral, vou ver os filmes em concurso sem saber nada das tramas. Às vezes, não procurava nem saber o que os títulos dos filmes significavam.

Fotos Vantoen Pereira Jr/Divulgação

*'Malês' recria em tons épicos a revolta muçulmana que sacudiu a Bahia do século 19*

Caminhos abertos para 'Malês'

Titã da arte de atuar, Antonio Pitanga firma seu nome como cineasta ao lançar épico sobre a revolta dos muçulmanos escravizados na Bahia do século 19

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Desde o Cinema Novo, a agenda de afazeres cinematográficos de Antonio Pitanga não andava tão concorrida como se vê em 2025, nestes momentos que antecedem a estreia de "Malês", o sonho de dirigir um épico libertário que mobiliza seu coração há décadas. No Festival do Rio, que começa na quinta, imagens dele vão aparecer em "Para Vigo Me Voy!", doc em tributo a

Carlos Diegues (1940-2015). Ele participa ainda do documentário "Milton Gonçalves, Além do Espetáculo", de Luiz Antonio Pilar, no evento, cujo júri presidiu há três anos.

Há bem pouco, seu rosto foi visto no cultuado "Oeste Outra Vez", que venceu Gramado, em 2024. Na Europa, fala-se até hoje de seu desempenho nas telas de San Sebastián em "Casa de Antiguidades" (2020). Seu nome vem corrido terras, de tela em tela, à força de sua passagem recente pelo Festival Panafricain Du Cinéma Et De La Télévision De Ouagadougou, mais conhecido como

*Lenda do cinema brasileiro, Antonio Pitanga atua e dirige longa sobre essa página esquecida de nossa história*

Fespaco. Burkina Faso é sua sede. Pitanga brilhou lá. "Estou vindo com um pleito pela liberdade", disse o ator e diretor, na abertura do Bonito Cine Sur, em Mato Grosso do Sul.

Integrou a seleção oficial de longas-metragens dessa maratona audiovisual da África, realizada em fevereiro, quando inaugurou a carreira internacional de seu "Malês". Lançado no Festival do Rio passado, o filme marca o regresso do emblemático ator à direção, 47 anos depois de seu primeiro exercício como realizador, "Na Boca do Mundo" (1978).

"O 'Malês' esta cumprindo a sua missão,

pois acho que como a gente ainda está vivendo a consagração de 'Ainda Estou Aqui' no mundo, ainda estamos aqui como Malês", disse o ator ao Correio da Manhã, quando excursionou por rodas de debate africanas.

A fala do astro de "A Idade da Terra" (1980) se refere a um episódio histórico de resistência. Com base num enredo de Manuela Dias (autora da nova versão da novela "Vale Tudo") produzido por Flávio R. Tambellini, "Malês" recria a Bahia do século XIX, em meados de 1830. Na ocasião, uma rebelião começou a ser arquitetada por africanos muçulmanos, chamados de malês. A revolta se passa no final do Ramadã, mês do calendário islâmico em que o jejum é uma forma de celebrar Alá. Após o fracasso dessa revolta, os manifestantes foram duramente punidos e a repressão contra as populações pretas no Brasil aumentou. Apesar disso, o exemplo de luta e de resistência deles marcou a História não apenas por uma aula de estratégia política, mas pelo simbolismo intelectual de um povo que combateu o açoite com boas ideias. Num elenco em estado de graça, com destaque para Camila Pitanga e Patrícia Pillar, Rodrigo de Odé explode em cena, triunfante, em várias sequências, numa atuação memorável.

"Para mim, foi tudo uma grande emoção, sobretudo quando a plateia aplaudiu de pé o filme 'Males' dizendo: 'Gratidão. Obrigado'. É uma história que eles não conheciam, como o Brasil também não conhecia. A gente traz o século 19 para poder conversar entendendo a tragédia que foi o sequestro da escravização", disse Pitanga, ao Correio, à época das filmagens.

Durante o processo, ele dividiu seu tempo na direção com seu trabalho de ator, encarnando a figura de Pacífico Licutan, um dos líderes do levante, que defendia a importância da participação de diferentes aldeias e religiões para o sucesso da revolta.

"Eu estou em um momento tão feliz da vida, de vivenciar essa oportunidade incrível de poder dialogar, através do cinema, com o levante mais importante do Brasil", diz Pitanga que contou com o bamba da edição Quito Ribeiro na montagem.

"O 'Malês' é um projeto que começou quando eu filmei 'Idade da Terra', do Glauber Rocha. Ele queria levar os baianos todos de volta para a Bahia, e me disse: 'Tá na hora de a gente voltar pra casa, Pitanga'. E com essa ideia de retornar, um dos projetos dele era produzir 'Malês'. Como o Glauber morreu, ainda ali no começo dos anos 1980, o projeto ficou adormecido até que, vendo 'Amistad', do Spielberg, eu retomei a ideia. Fiz o argumento com Orlando Sena e entreguei para a Manuela Dias escrever o roteiro. Nascemos, enfim".

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Wagner Moura está em alta em Hollywood

Oscar 2026: revista Variety aposta em Wagner Moura

A revista Variety, especializada em entretenimento, está apostando na vitória de Wagner Moura na categoria de melhor ator no Oscar 2026.

A publicação estadunidense acredita que o ator baiano pode superar concorrentes como Leonardo DiCaprio ("Uma Batalha Após a Outra"), Timothée Chalamet

("Marty Supreme"), Ethan Hawke ("Blue Moon") e Dwayne Johnson ("Coração de Lutador").

"Em meio às conversas, temos Wagner Moura do drama brasileiro 'O Agente Secreto', que pode ganhar uma tração significativa se o filme internacional da Neon decolar em outras categorias", diz o texto.

Prognósticos

A Variety aposta em outras duas indicações para o filme. Segundo a revista, "O Agente Secreto" pode ser indicado nas categorias de melhor filme e melhor filme estrangeiro, mas aposta em "Hamnet" e "Sentimental Value" para os prêmios em questão.

Os escolhidos

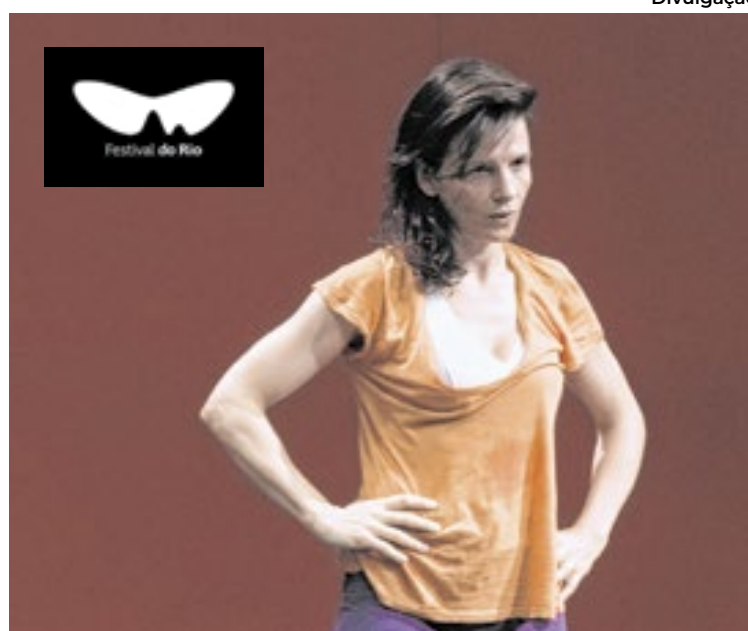
Quatro jovens dançarinos realizarão o sonho de participar, gratuitamente, do Prix de Lausanne, uma das mais prestigiadas competições internacionais de ballet. A pré-seleção latino-americana reuniu 55 talentos, entre 15 e 18 anos, de sete países.

Prognósticos II

Já outra publicação, a The Hollywood Reporter, aposta em cinco indicações para o filme de Kleber Mendonça Filho: melhor filme, melhor direção, melhor roteiro original, melhor filme internacional e melhor ator, com Wagner Moura.

Os escolhidos II

Três dançarinos brasileiros e uma argentina representarão a região na etapa final do concurso, entre 1º e 8 de fevereiro de 2026, na Suíça. São eles: os brasileiros Luisa Costa, Pietra Rego e Victor Hugo Santos; e a argentina Martina Tolaba.



Divulgação

Juliette Binoche dirige o experimento 'In-I in Motion', que estreou em San Sebastián, há uma semana

A França de Binoche se faz carioca

Atriz vem ao Brasil lançar seu primeiro longa como cineasta, 'In-I in Motion', na programação do Festival do Rio que celebra os 200 anos de relações entre o Brasil e o país da diva

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

A chegada de Juliette Binoche e sua estadia na cidade, neste fim de semana, já é mais do que suficiente para fazer deste Festival do Rio uma das edições de mais reverberação internacional de toda a história do evento, que nasceu em 1999 e chega aos 27 anos com 298 filmes em seu cardápio. "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, que virou um ímã de laúreas para o Brasil, está no pacote, em que a França (país natal de sua produtora, Emilie Lesclaux) tem um lugar de honra. Uma seleção de 74 produções e coproduções recentes da pátria presidida por Emmanuel Macron vão desfilas

pelo circuito de salas de projeção (25 telas ao todo, além do Pavilhão do RioMarket do Armazém da Utopia, do Museu do Amanhã e do Teatro Glaucio Gill) a serviço do evento. "In-I in Motion", experimento pautado pela dança que traz a assinatura de Binoche na direção, é um deles.

Essa iniciativa integra o Festival do Rio às ações da Temporada França-Brasil 2025, que celebra os 200 anos de relações diplomáticas entre os dois países. A aproximação envolve debates e encontros de negócios com a presença de profissionais franceses e brasileiros, num intercâmbio de saberes. A Carta Branca ao Forum des Images (espaço de exibição e reflexão em Paris) traz uma retrospectiva de produções exclusivamente dirigidas

por mulheres, entre elas Sophie Letourneur, que chega ao país para apresentar seu mais recente longa de ficção, "A Aventura" ("L'Aventure"), além de dois anteriores, "Voyages en Italie" e "Énorme". Blandine Lenoir traz "Zouzou" e "Annie Colère". Romane Bohringer virá com os longas "Amor Fora de Foco" ("L'amour Flou") e seu mais recente filme, apresentado no Festival de Cannes deste ano, "Diga a Ela que A Amo" ("Dites-lui que je l'aime"). As três cineastas participarão de debates com o público após as exhibições. A programação traz ainda "Saint Omer" (2022) de Alice Diop; "L'amour et les Forêts" (2023) de Valérie Donzelli.

Em contrapartida, o Forum des Images recebeu, na última semana de setembro, na França, uma mostra de documentários de diretoras brasileiras com a presença de três delas, que também participaram de encontros com o público local. Em Paris, o Festival do Rio e a Cinemateca Brasileira apresentaram obras de Sandra Kogut ("Passaporte Húngaro", "No Céu da Pátria Nesse Instante"), Juliana Vicente ("Diálogos com Ruth de Souza", "Racionais MCs - Das Ruas de São Paulo para o Mundo") e Denise Zmekhol ("Pele de Vidro", "Crianças da Amazônia").

Em colaboração com o Centre National du Cinéma et de l'Image Animée (CNC), o Festival do Rio apresenta encontros voltados à preservação audiovisual, reunindo especialistas do Brasil e da França. A programação inclui a exibição especial de "Rien que les heures" (1926), média-metragem francês dirigido pelo cineasta brasileiro Alberto Cavalcanti e recentemente restaurado pelo CNC, bem como "Mulher de Verdade" (1954), do mesmo diretor. Ambas as sessões serão seguidas de debates.

Entre os filmes franceses imperdíveis da programação deste ano destacam-se "A Cerca" ("Cri Des Gardes"), de Claire Denis, e "Couture", de Alice Winocour, com Angelina Jolie em estado de graça. Os dois concorreram à Concha de Ouro de San Sebastián, onde "In-I in Motion" estreou.

Profissão de fé na canção

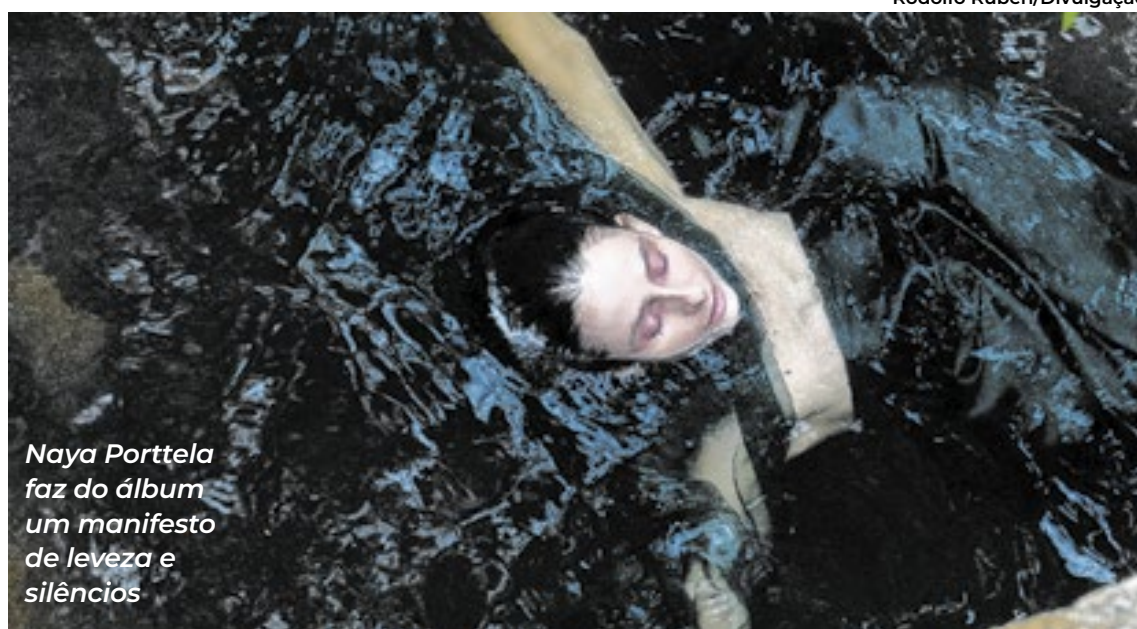
Nay Porttela lança 'Alvorada', trabalho intimista que privilegia texturas acústicas

Por Affonso Nunes

Numa era em que a inteligência artificial redefine os processos criativos da música, Nay Porttela caminha suavemente pela contramão com seu novo álbum "Alvorada", já disponível nas plataformas digitais. O trabalho emerge como um manifesto silencioso em favor da canção pura, moldada com instrumentos acústicos, colaborações humanas resultando em delicadas texturas melódicas. Aqui as pausas têm algo a dizer.

Depois de dois discos de releituras e dois de composições autorais, a cantora acredita ser este o seu trabalho mais maduro, apostando na sofisticação da canção brasileira com arranjos que privilegiam o piano, o violão e a viola explorando sonoridades que perpassam a bossa nova, o samba, o jazz e a música regional brasileira.

A travessia emocional do álbum começa com "Doce", colaboração com a artista japonesa Yuga, lançada como single em fevereiro. A faixa cruza samba e minimalismo japonês. A percussão brasileira dialoga com elementos etéreos.



Naya Porttela faz do álbum um manifesto de leveza e silêncios

"Inverno Sem Verão" nasce de parceria com os compositores Juan Max, Alan Souza, Diego Naza e Anderson Ovo, onde Nay canta o fim de um amor com delicadeza de quem conhece a dor mas se recusa a dramatizá-la.

Em "Seu Dengo", o afeto reaparece em forma de reencontro. Percussões afro-brasileiras, sintetizadores suaves e violão embalam letra sobre voltar a sentir e se permitir ser

cuidado.

"Sempre Vou Te Amar" apresenta a delicadeza da viola de Rafael Eloy dialogando com piano e sinos tocados pela própria Nay, criando atmosfera orgânica e intimista. E "Rio" é uma bossa nova contemporânea com bateria de Marco da Costa.

Durante o processo criativo, Nay também assinou todo o figurino usado nos ensaios, colocando

em prática sua formação em Design de Moda. "A moda sempre foi, para mim, uma forma de me comunicar e expressar. Eu modelo, corto e costuro todos os meus figurinos de shows para transmitir, através do visual, uma experiência que vai além da música", conta. Em "Alvorada", essa conexão entre som e imagem aparece de forma ainda mais sensível, reforçando conceitos de presença, leveza e identidade.

CRÍTICA / DISCO / COMPOSITOR

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de "Compositor" (independente), recém-lançado pelo compositor, cantor e instrumentista Péricles Cavalcanti. Após gravar ao menos dez álbuns, Cavalcanti entregou-se agora à antiga disposição de registrar as suas obras feitas para filmes e peças. Antes de seguir, devo dizer que acompanho à distância a carreira deste que considero um trabalhador luminar de canções.

"Compositor" é um EP com sete músicas e duração aproximada de 16 minutos. Talvez tempo curto demais para quem nele se debruçar vorazmente. Pois ali encontrará uma atmosfera plena de segredos que se abrem ao ouvinte, cativando-o, deixando-o pronto para novas descobertas.

E as belezas, que não se fazem de rogadas, surpreendem a cada harmonia, a cada acorde e a cada

ritmo, impregnando os ouvidos de bons e bem-vindos momentos. Vamos às músicas!

"Tema de Anna K" (de Anna K, filme de José Roberto Aguilar – 2015). Com arranjo em que brilham Bruno Serroni (cello), Marcelo Monteiro (flauta), Atílio Marsiglia (violino) e o próprio Péricles Cavalcanti no violão e no baixo, a magia encanta ao se valer de uma pegada plena de suíngue.

"Canção das Desgraças das Crianças" (de "Os Sertões" de Euclides da Cunha, montagem do Teatro Oficina dirigida por Zé Celso Martinez Corrêa – 2002/2006): o ritmo que embala os versos, quase recitados por vozes mistas, cha-

Os sons de Péricles Cavalcanti



Divulgação

mam a atenção para a abordagem social de Euclides da Cunha (1866 – 1909).

"Tema para Lina e Pietro Bardi", do curta Quem é Bardi (direção de José Roberto Aguilar – 2000): segundo informa PC, é uma de suas preferidas. Intensa, a intro soa com destaque para o piano e logo

cai num samba balançado, sob encargo de Cid Campos (viola, teclados, baixo) e Leo Cavalcanti (percussões), filho de PC.

"Fantasia Monkiana" (de Mil e Uma, filme de Suzana de Moraes – 1993): feita em homenagem a Suzana, PC a considera meio que uma paródia instrumental de composições do pianista e compositor norte-americano Thelonious Monk (1917-1982). Tema originalmente sem letra, que ganhou versos cantados por PC.

"Natureza Viva" (também do curta Quem é Bardi?): outro bom samba com belo arranjo de concepção minimalista.

"Tema de Alice" (também de Mil e Uma): gravada no filme por

Adriana Calcanhotto, aqui vem pela voz de PC, que enfim confessa ter "descoberto" o gênero musical do seu tema: é valsa!

"Gloriette" (vídeo dos Irmãos Campana, direção de José Roberto Aguilar – 2000) fecha a tampa do EP. A caixa da bateria vem e embala o tema digno de uma retreta interiorana. O arranjo ganha destaque no trompete de Claudio Faria, na guitarra de Guilherme Held e nas percussões de Décio 7.

E assim, aproximei-me do trabalho de um cara a quem sempre admirei, mas que só agora me pus a ouvir com determinada atenção. Ouça o álbum em <https://acesse.one/QetxI>.

Ficha técnica

Produção musical: Péricles Cavalcanti; capa: Lidia Chaib e Péricles Cavalcanti.

*Vocalista do MPB4 e escritor

CUMBUCO | CE

TOUROS | RN

ECO RESORT DO CABO | PE



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!



ALAGOAS | AL

MARÉS | BA

ECO RESORT DE ANGRA | RJ